



GT 09 – Geografia Histórica Urbana

O meu pé de laranja: a transição rural - urbana na “Terra dos Pomos Dourados” (Campo Grande, Rio de Janeiro) no século XX.

Autor: Paulo Henrique Araujo Barata
Filiação institucional: Seeduc-RJ
E-mail: phabarata@gmail.com

Resumo: O artigo tem como objetivo elucidar a gênese da estrutura socioespacial estabelecida no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro, relacionada a produção da citricultura no período que compreende a primeira metade do século XX. A base teórica conceitual é alicerçada na obra “Do Rural ao Urbano” de Henri Lefebvre devido às suas essenciais contribuições à análise do tema em questão. Verificamos que a formação da estrutura urbana do bairro emerge das ações dos agentes locais da produção do espaço, que para promover a valorização das suas propriedades rurais as transformaram em objetos urbanos. As evidências estão materializadas na incipiente transformação da estrutura fundiária em espaço urbano revelada pelo loteamento das terras pelas relações de trabalho típicas de uma área rural brasileira em transição para tornar-se uma área urbana.

Palavras-chave: rural-urbano, citricultura, Campo Grande

I - Introdução

Há uma porção do antigo Distrito Federal, atual cidade do Rio de Janeiro, que nunca esteve na mente das pessoas quando usam o termo “Cidade Maravilhosa”. Talvez, fosse isso que o Professor Nelson da Nóbrega Fernandes quisesse dizer quando afirmou que era ali que a cidade perdia seu nome (Fernandes, 2007). No Rio de Janeiro essa porção da cidade é tradicionalmente entendida como o recorte destinado e usado pela população empobrecida com relações frequentes com o centro da cidade via transporte ferroviário. A Literatura de Lima Barreto reforça essa visão periférica, que pode limitar o foco de pesquisas e, por isso, ser um limitador da compreensão sobre as relações e a estrutura socioespacial resultante de uma sociedade muito mais complexa. O espaço produzido, segundo a linha de Henri Lefebvre, ou o território usado, de Milton Santos, resultante do encontro de feixes de forças endógenas e exógenas é, na verdade, um caleidoscópico que revela diferentes imagens amalgamadas tornando-o único. Eram diferentes espaços, com diferentes interesses e ações moldando seus objetos que dialeticamente moldam as ações, ao mesmo tempo que todos esses espaços eram um só.

Há tantas narrativas quanto intenções de expor uma determinada visão sobre um tema. A leitura de outras obras literárias amplia a visão sobre uma variedade das relações e da vida nesses espaços afastados do Centro, pois oferecem novas perspectivas sob outros olhares. O trecho da obra “O Meu Pé de Laranja Lima” a seguir é uma dessas outras possíveis visões.

— É aqui.

Todos ficaram encantados. A casa era um pouco menor. Mamãe ajudada por Totóca destorceu um arame que prendia o portão e foi aquele avanço. Glória soltou a minha mão e esqueceu-se que estava ficando mocinha. Desabalou à carreira e abraçou a mangueira.

— A mangueira é minha. Peguei primeiro.

Antônio fez a mesma coisa com o pé de tamarindo. Não sobrara nada para mim. Olhei quase chorando para Glória.

— E eu, Godóia?

— Corre lá no fundo. Deve ter mais árvore, bobo.

Corri, mas só encontrei um capinzal crescido. Um bando de laranjeira velha e espinhuda. Junto do valão tinha um pequeno pé de Laranja Lima. Fiquei desapontado. Todos estavam visitando os cômodos e determinando para quem seriam os quartos. Puxei a saia de Glória.

— Não tinha nada mais.

— Você não sabe procurar direito. Espere aí que vou achar uma árvore para você.

E logo depois ela veio comigo. Examinou as laranjeiras.

— Você não gosta daquela? Olhe que é uma bela laranjeira.

Não gostava de nenhuma mesmo. Nem daquela. Nem daquela e nem de nenhuma. Todas tinham muito espinho.

— Pra ficar com essas feiúras eu ainda preferia o pé de Laranja Lima.

— Onde? Fomos lá.

— Mas que lindo pezinho de Laranja Lima! Veja que não tem nem um espinho. Ele tem tanta personalidade que a gente de longe já sabe que é Laranja Lima. Se eu fosse do seu tamanho, não queria outra coisa.

— Mas eu queria um pé de árvore grandão.

— Pense bem, Zezé. Ele é novinho ainda. Vai ficar um baita pé de laranja. Assim ele vai crescer junto com você. Vocês dois vão se entender como se fossem dois irmãos. (VASCONCELOS, 1975, p.18-19).

A chegada da família a sua nova residência e o despertar da relação de uma criança de seis anos de idade com um pé de laranja lima faz parte da obra literária “Meu Pé de Laranja Lima” do escritor carioca José Mauro de Vasconcelos. É um retrato da infância do próprio autor no bairro de Bangu na década de 1920 com sua relação familiar intrinsecamente ligada a produção têxtil da Companhia Progresso Industrial do Brasil. Àquela época, a Fábrica de Tecidos Bangu funcionava a pleno vapor. A fábrica era um objeto espacial importante na estruturação do tecido socioespacial, pois as relações sociais, aí contidas as relações de trabalho, seriam gravadas e reveladas pelo recorte espacial que viria a ser chamado de bairro de Bangu. No entanto, quando pensamos a região do então Distrito Federal no qual Bangu estava inserido, como parte da Freguesia de Campo Grande, somos lembrados que aquele espaço estava em destaque, também, pela sua força na agropecuária, pois era legalmente zoneada como a Zona Rural do Rio de Janeiro. Os Sertões Cariocas, que é uma outra denominação possível desse espaço, são lembrados pela produção agrícola em diversos ciclos econômicos. Naquelas décadas iniciais do século XX, essa região foi palco da citricultura como o último grande ciclo econômico ligado a atividade rural antes de ser avassalado pela consolidação do movimento de urbanização, já expresso no trecho literário citado. Ao longo do artigo intencionamos desvelar a (re)construção do bairro de Campo Grande na primeira metade do século XX através do resgate das ações, e seus agentes, e da implantação e utilização de objetos espaciais que transformaram o espaço rural em urbano. Iluminaremos as ações do Estado alinhando os seus próprios interesses e dos proprietários fundiários e produtores rurais com as escalas mais distantes na (re) estruturação do espaço. A citricultura estabeleceu-se com imponência em Campo Grande e na cidade vizinha de Nova Iguaçu. O Minguinho, pé de laranja

lima e amigo imaginário do personagem/autor que batiza o livro infante juvenil, era só mais um pé descolado dos vastos laranjais da Citrolândia que cercava Bangu na primeira metade do século XX (VAZ, 2019).

Nos primeiros anos republicanos do Brasil, a Zona Rural do Distrito Federal era descrita pelo sanitarista Afrânio Peixoto como local abandonado, insalubre e foco de diversas endemias, como a tripanossomíase americana (doença de Chagas), que tornava possível compará-la com qualquer rincão miserável do sertão brasileiro, sendo o espaço da pobreza e da barbárie (SANTOS, 2018).

Por outro lado, a Zona Rural é especialmente lembrada como antigo cinturão agrícola do Distrito Federal. O esforço de guerra exigido pelo Presidente da República Wenceslau Brás, que conclamou o país a aumentar a sua produção agrícola em apoio aos países aliados envolvidos na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), levou a retomada das plantações em Campo Grande, especialmente no Mendanha, ainda na década de 1910.

Ao final do conflito, o sucesso da empreitada somado as condições favoráveis que o sítio de Campo Grande reunia atraiu famílias de vários pontos do país e do exterior em busca de enriquecimento. A fertilidade das terras, a abundante mão de obra migrante atraída pelas possibilidades ofertadas pela terra e a crescente procura das laranjas no mercado externo fornecia as condições ideais para o futuro aparecimento dos grandes laranjais na região de Campo Grande (JORNAL O GLOBO, 23/10/1988). Havia uma produção agrícola diversificada nos distritos de Santa Cruz, Campo Grande e Guaratiba nos quais os estabelecimentos agrícolas abarcavam 90% da área total¹ (SANTOS, 2018).

Os estabelecimentos ali localizados produziam ao todo 30 mil toneladas de açúcar, 10 mil de mandioca e mais 3 mil de milho, além de feijão, arroz e café. Possuíam ainda significativo rebanho com 23 mil bovinos, 22 mil suínos, 16 mil muas e 7 mil cavalos. Também digna de nota, já nessa época, era a fruticultura. Delgado de Carvalho notava que em Guaratiba, “o mais rico de todos os districtos agrícolas”, mais precisamente na “encosta Occidental do massiço da Pedra Branca”, havia grandes pomares, plantações extensas de

¹ Resquícios da produção fruticultora construída na primeira metade do século XX no Sertão Carioca ficaram no espaço e na paisagem ao longo das próximas décadas. “Além de laranjas, em qualquer lugar que andávamos, havia tanto verde, com bananas, goiabas, jamelões, jabuticabas, jacas, pitangas, abius, jenipapos, sapotis, amoras, tamarindos, mangas e tantas outras frutas à merce de quem as pegasse diretamente de cada pé. Eram de todos, espalhadas em terrenos baldios. Quando necessitamos comprar goiabas tão caras hoje, lembramos com saudade e melancolia de uma época em que tínhamos tudo isso às mãos”. Depoimento de Uilton Soares de Melo disponível em <https://saibahistoria.blogspot.com/2018/11/da-serie-campo-grande-das-minhas.html>

bananeiras, de laranjeiras e de “outras frutas”. Ainda segundo o censo de 1920, os distritos de Campo Grande, Guaratiba e Santa Cruz concentravam o maior número de cabeças de gado, tinham a maior produção de arroz, feijão, batata inglesa, cana; eram os únicos que produziam algodão e mamona, e detinham a segunda maior produção de café, milho e mandioca (SANTOS, 2018, p.54).

É, justamente, na década de 1920 que a força da produção agrícola no Sertão do Distrito Federal seria direcionada para ao gênero que fez a fama de Campo Grande: a citricultura.

Entre os migrantes, citados anteriormente que vieram para aumentar a produção e o abastecimento de alimentos da cidade, havia imigrantes de nacionalidade portuguesa. Posteriormente, chegaram cerca de 50 portugueses de Ilhéus, Bahia que na década de 1920 organizavam mutirões para preparar a terra nas fazendas. “Eram em torno de 50. Eles entravam numa fazenda e começavam a capinar. Eram trabalhadores – segundo Almir Punaro Baratta (O Globo, 17/11/2012, Caderno Zona Oeste, p.11)”. Chegaram devido a fama da fertilidade das terras de Campo Grande, que trouxe portugueses e famílias de vários pontos do país em busca de possibilidades de enriquecimento.

Imagem 1: Foto do acervo de Wallace Monteiro Postiga retratando seus antepassados no bairro de Campo Grande na década de 30. No lado direito seu bisavô Annibal Ayo Monteiro e ao lado dele seus tios-bisavôs (família Lourenço). Ao fundo, o morro da atual localidade do Bairro Adriana, onde ficava a fazenda do senador Augusto Vasconcelos. Eram imigrantes portugueses do Distrito de Guarda e chegaram ao Brasil em 1910, tornando-se produtores de laranjas em Campo Grande.



Fonte: Acervo da família Monteiro. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=10221728101366346&set=a.1831398259276>

O depoimento de Wallace Monteiro Postiga, descendente dos imigrantes portugueses do século XX, revela a participação da sua família na citricultura campograndense

Esse meu bisavô (Annibal Ayo Monteiro), atravessou o Atlântico aos 13 anos, no navio Malte rumo ao RJ. Foi criado em convento na Freguesia de Vilar de Amargo no Distrito de Guarda Portugal e tinha uma caligrafia muito bonita. Aos 14 anos já morando em C.G se dirigiu a fazenda do Senador Augusto de Vasconcelos e pediu para lhe arrendar o trecho de terra que abrange o atual Bairro São João, por nome de Vai e Vem, naquele tempo, devido ter saída só pela Estrada do Mendanha. E parte do outro Bairro de frente para o Bairro Adriana, como resposta recebeu que ele era muito novo teria que apresentar um avalista. Foi quando seu tio assim o foi. O local era mata fechada foi o pioneiro, não queria ficar dependendo da Fazenda Posse que era da sua mãe Helena Adelaide Monteiro, atual Bairro Del Cima. Ele fez balões de carvão ganhou muito dinheiro, era um material muito valorizado na época, e a madeira era vendida também para fabricação de calçados que era muito utilizado pelo tipo de madeira leve, assim comprou carros de bois e começou a plantar laranjas que se destacou com a produção, que saiu seu nome no jornal do Brasil em 1930 como um dos produtores que mais se destacaram em Campo Grande RJ. Desde jovem era um visionário, chegou a ter um alojamento com 15 funcionários que os ajudavam junto com seus filhos mais velhos. na Estrada do Cantagalo próximo ao Park shopping meu bisavô paterno José de Mattos tinha um sítio com plantações de laranjas e outras famílias tbm. Um pequeno proprietário tinha um sítio plantado mas também vendia para os barracões (POSTIGA, 2020).

A soma da mão de obra com a demanda pela laranja no mercado internacional resultou nas condições necessárias para o surgimento dos laranjais na região de Campo Grande. As primeiras tentativas de exportação, em 1925 por parte de Alberto Cocôza, no entanto, não deram o resultado esperado devido a falta de condições adequadas, até mesmo de transporte da produção uma vez que as estradas eram insuficientes em quantidade e precárias (O GLOBO, 23/10/1988 & 17/11/2012).

As dificuldades iniciais foram superadas pelo sucesso da estratégia de zoneamento do Prefeito Amaro Cavalcanti para a atração de investimentos internacionais² e do decreto que direcionava a requalificação técnica para a produção de alimentos³. Investidores ingleses injetaram capital na melhoria dos transportes em troca de mercadorias baratas. Além do incentivo inglês, os créditos para o financiamento da produção foram organizados por uma rede de instituições (fundadas pelo Coronel Rios – um dos maiores citricultores da região, organizada na forma de um banco, uma firma especializada e uma cooperativa) que deram suporte às atividades fruticultoras. Ainda, houve um refinamento tecnológico na produção com a inserção de novas técnicas nos processos de plantio, que produziu laranjas campograndenses compatíveis com os padrões de exigência dos compradores internacionais (JORNAL O GLOBO, 23/10/1988) e na produção da logística de escoamento da produção agrícola, via um plano de melhoramento viário abrangendo 41 estradas e caminhos, como consta no decreto nº 1.883, de 03/01/1918 (MOTA & PEIXOTO, 2006). A “febre das laranjas” aproveitou-se do sítio em melhores condições de salubridade após as baixadas terem sido drenadas e saneadas pelas obras executadas anteriormente pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS). A preocupação em destacar as boas condições de salubridade dos terrenos na Zona Rural era constante nos anúncios da de terrenos da década de 1920. Dentre as características citadas pelos anunciantes constavam as dimensões dos terrenos, as benfeitorias existentes, os tipos de lavouras, criações e a salubridade do local exemplificada pelo uso de expressões como “logar muito sadio”, “local saudável”, “logar salubérrimo” (SANTOS, 2018).

Campo Grande assumiu o posto de um dos principais exportadores de laranja do Brasil, segundo maior produtor da fruta no mundo. Em 1927 das 2,7 milhões de caixas de laranja que o país produzia, um milhão era produzido em Campo Grande. Na década de 1930, um quarto dos 20 milhões de pés plantados no país estava no bairro. A produção era obviamente voltada ao mercado externo, respeitando as características do país agroexportador, sendo a Inglaterra,

² Decreto nº 1.185 de 4 de janeiro de 1918 que redefiniu o zoneamento de grande parte da zona rural para suburbana.

³ “O decreto nº 1.883, de 03/01/1918, que nos seus 23 artigos fazia recomendações acerca das culturas, técnicas de produção e a logística de escoamento da produção agrícola”.

a principal investidora na produção de laranjas, um dos principais destinos da produção local (JORNAL O GLOBO, 23/10/1988).

Além do país anglo-saxão, a Argentina era outro foco de exportação. Existia uma rede de comércio das laranjas aparentemente com bom grau de organização e sofisticação garantindo a revenda, o empacotamento e o transporte da laranja de Campo Grande para o mundo. No mundo rural campograndense da década de 1930 – a chamada época de ouro da citricultura⁴, o grande volume da produção de laranjas é ilustrado pelas “feiras do bairro nas quais tudo se vendia, menos laranja, que todo mundo tinha em abundância” (JORNAL O GLOBO, 17/11/2012). A negociação da produção não era realizada em escritórios, mas no bar. O Bar do Lavrador, na rua Coronel Agostinho, era o local que os produtores da Zona Rural tratavam dos negócios acerca das safras de laranja. O relato do antigo agricultor Alimir Punaro Baratta fornece os nomes e informações sobre os negócios da citricultura da época. Nascido na década de 1920, trabalhou ainda criança nas plantações do sítio de sua avó, registrada pela reportagem do Caderno Zona Oeste do Jornal O Globo como umas das primeiras produtoras da região.

O ato de recolher os frutos dos pés era sucedido pela espera dos caminhões que levariam a produção do dia para os barracões de empacotamento das laranjas, chamados de "packing houses"⁵. Baratta aponta dois barracões na área da Estrada da Posse e Santíssimo: o primeiro

⁴ A presença de imigrantes para a produção dos laranjais é verificada pelo depoimento de Cayo Lames em sua página pessoal de rede social na rede mundial de computadores: “Em 1896 chegava nessas terras Daniel Lames, meu bisavô. Profundo conhecedor empírico das técnicas de plantio, praticamente um menino do dedo verde, ajudou no desenvolvimento da cultura cítrica da região. Se considerarmos que o destaque da produção dos laranjais ocorreu na década de 30, do século XX, fica plausível a suposição dele, enquanto produtor, ter contribuído para tal desenvolvimento! Suas terras ficavam onde hoje se conhece por Rua Campo Alegre – Rua Rio Manso e todo entorno. Sou raiz...sou minhoca da terra, e amo o meu bairro de Campo Grande” Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=361283014682673&set=a.122656968545280>. Acessado em: 27/12/2018.

⁵ Na década de 1940, um dos barracões seria palco de uma aventura industrial ousada. Houve uma tentativa frustrada de industrializar a laranja produzida em Campo Grande. A iniciativa industrial de Jorge Lima Filho, químico-industrial, e seu sócio Ademar Flores deu-se no “barracão dos Cavalcanti”, próximo ao centro de Campo Grande. O suco da laranja foi transformado em refrigerante de laranja batizado de “A Nossa”. As garrafas vinham com o nome gravado no vidro “Suco natural de nossa laranja”. O nome e o slogan tinham razão de ser: a produção era campograndense de ponta a ponta. Da safra passando pelo beneficiamento industrial até a distribuição aos consumidores tudo era realizado pelos recursos humanos e industriais do bairro. O sonho de agregar processos industriais a commodity, tornando-a um bem de consumo, foi efêmero. A produção apresentou dificuldades técnicas e problemas químicos referentes a conservação do suco engarrafado. Além de tudo, a gigante Coca-Cola chegou ao Brasil na mesma época (durante e após a guerra) assolando qualquer tipo de concorrência nesse mercado. A estratégia de propaganda da indústria estadunidense não consistia na proliferação de belos cartazes, apenas. O refrigerante

do português Antônio Barbeiro, que tinha conexões com a exportação para a Argentina⁶ e outro de Benjamim Vianna, atual rua Clemente de Marques, em Santíssimo. Cita, ainda, outro personagem que seria elo para a exportação chamado Durão, mas sem especificar a localização ou até mesmo a posse de barracão pelo último citado (JORNAL O GLOBO, 17/11/2012).

O modelo fordista de produção foi adotado para a racionalização da produção citricultora da época. A logística para o transporte do fruto era mais complexa do que o relato de Baratta proporciona a nossa imaginação e capacidade de reconstrução do processo. Menezes (2000) é minucioso na explicação e descrição do processo de escoamento da produção de laranjas à época, que fazia parte do cotidiano e do mercado de trabalho do bairro e, provavelmente, permanece na memória das pessoas que viveram a época.

Os barracões de laranja, que tinham até nome estrangeiro, "packing houses", construções onde se acondicionavam e despachavam as laranjas, eram galpões amplos, cheios de maquinismos, inclusive longas esteiras nas quais as laranjas eram conduzidas para beneficiamento principalmente por operárias (setor para o qual eram admitidas muitas mulheres). As laranjas eram lavadas, escolhidas e até polidas e lubrificadas de modo que ficavam com uma aparência lisa, brilhante e excelente. Depois eram envoltas em papel adequado e próprio, produzido especialmente para isso com qualidade excepcional, muitas vezes papel de seda, colorido, com marcas individualizadas pelos produtores. Daí as frutas eram acondicionadas nas caixas para exportação. Iniciava-se então uma complexa estrutura de transporte, cheia de dinamismo, em que 9, num fluir interminável, deixavam os barracões de laranja, disseminados estes às centenas em toda a vasta Zona Rural do Distrito Federal e na Baixada Fluminense e se dirigiam ao Porto do Rio de Janeiro onde os navios aguardavam, muitos deles navios frigoríficos. Outros caminhões também se destinavam aos pátios ferroviários em algumas estações da Estrada de Ferro Central do Brasil, para transferir as laranjas para os vagões que demandariam o embarque no Porto. Nas ruas e avenidas principais, que dos subúrbios e da zona rural se dirigiam ao centro da cidade, passavam interminavelmente os caminhões, muitos deles com laranja a granel, amontoadas nas carrocerias. Esses caminhões eram a alegria das crianças que pediam laranjas aos ajudantes que de cima da carga, jogavam as frutas para os meninos na rua (MENEZES, 2000, p.99).

era distribuído gratuitamente aos jovens nas escolas, nas festas ou em qualquer outro lugar no qual o povo estivesse reunido (MENEZES, 2000).

⁶ Em 1938, com os laranjais em plena atividade, a exportação de laranjas para a Argentina foi de 140.657 toneladas (CORREIO DA MANHÃ, 12/04/1970, p.4).

Baseado no relato de Almir Baratta e nas palavras de Menezes (2000), asseveramos que a citricultura era uma das estruturas importantes no estabelecimento da hierarquia social do bairro, pois “O povo tinha trabalho, homens e mulheres; os agricultores nos sítios e chácaras ganhavam dinheiro; os negociantes no comércio e os beneficiadores de laranjas ganhavam muito dinheiro; e os exportadores ganhavam muitíssimo dinheiro (MENEZES, 2000, p.)”. A divisão do trabalho expressa nessas palavras torna evidente a estrutura de classes existente a partir da atividade citricultora no bairro de Campo Grande. Menezes identifica quatro diferentes grupos envolvidos na produção de laranjas: o trabalhador rural, os proprietários fundiários, os comerciantes e os exportadores. Esses grupos são apresentados em ordem crescente conforme a renda auferida pela atividade citricultora. É interessante perceber que em relação aos trabalhadores rurais não há menção a palavra “dinheiro” e sim “trabalho”.

Um outro trecho do livro “O Meu Pé de Laranja Lima” sobre o trabalho industrial permite a comparação das estruturas socioespaciais mediadas pelo trabalho. Mesmo que seja o trabalho industrial no bairro vizinho de Bangu, a contemporaneidade da obra com a citricultura em Campo Grande revela as características do trabalho e o perfil do trabalhador nas primeiras décadas do século XX na Zona Rural da cidade do Rio de Janeiro.

Ela falava com uma voz cansada, cansada, E eu estava com muita pena dela. Mamãe nasceu trabalhando. Desde os seis anos de idade quando fizeram a Fábrica que puseram ela trabalhando. Sentavam Mamãe bem em cima de uma mesa e ela tinha que ficar limpando e enxugando ferros. Era tão pequenininha que fazia molhado em cima da mesa porque não podia descer sozinha... Por isso ela nunca foi à Escola e nem aprendeu a ler (VASCONCELOS, 1975, p.18)

O vocábulo “dinheiro” é utilizado a partir dos proprietários fundiários e há o uso do advérbio de quantidade (*muito*) associado aos comerciantes e beneficiadores da laranja, e esse advérbio é usado no grau máximo (*muitíssimo* dinheiro) para expressar a lucratividade dos exportadores. A presença de indivíduos com “muitíssimo dinheiro” teria desdobramento na futura produção do espaço campo grandense pela formação de loteamentos, que tomarão a vez dos campos de laranja nas décadas seguintes.

A cultura da laranja influenciava o mercado de terras, também. A partir das condições do momento, os produtores escolhiam continuar na produção citricultora ou no retalhamento das propriedades para a venda de lotes, ou compatibilizar ambos negócios. Por ser um negócio do campo em zona rural, o mercado da venda de lotes de terras não era voltado exclusivamente

para a crescente produção de loteamentos residenciais propulsionados pela industrialização brasileira. Parte das propriedades fundiárias eram negociadas para fins da produção agrícola (MENEZES, 2000; SANTOS, 2018).

O aluguel ou a venda da terra para a extração de renda já era comum. As fazendas já tinham dado lugar as chácaras e sítios e a agricultura já estava majoritariamente baseada em pequenas unidades de produção⁷ (critério estabelecido para unidades menores do que 101 hectares). O tipo de trabalhador que produzia na região era o arrendatário. Dos já referidos “592 estabelecimentos rurais, 366 (61,82%) eram dirigidos por arrendatários e da área total de 7.857 ha, os arrendatários detinham a maior parte - 3.097 (SANTOS, 2018, p.56)”.

“O terreno que possuísse alguns pés de laranja ou mesmo aquele ainda inculto, mais próximo de uma região de produção citrícola, era certamente um dos mais valorizados, fazendo jus a um slogan da época -” laranja no pé, dinheiro na mão”. Laranja era a palavra que todo aquele que quisesse vender ou alugar um terreno, gostaria de inserir em seus anúncios durante toda a década de 1930 e boa parte de 1940 (SANTOS, 2018, p.46).

Os anúncios do Jornal do Brasil de 1935 localizados por Santos (2018) ilustram essa questão relativa a extração de renda da terra em Campo Grande: “Sítio com laranjal – compre-se um já produzindo e com plantas novas, tendo casa ainda modesta, terreno fértil, valor entre 40 e 80 contos, distancia do centro até 1 hora (JORNAL DO BRASIL, 05/05/1935, p.36)”.

Terras ótimas para laranjas, situadas à margem da Central, 4 trens por hora. Boas estradas (...) Água, luz, tel. hora e meia do Centro. Estação de Paciência, distrito de Campo Grande, onde existem milhares de laranjeiras em plena produção. Também plantam-se pomares por empreitada (JORNAL DO BRASIL, 09/05/1935, p.25).

II - A decadência da citricultura

Mamãe quem teve a ideia.

— Hoje, todo mundo para ver a casa.

Totóca me chamou de lado e me avisou num sussurro:

— Se você contar que a gente já conhece a casa, eu te rebento.

⁷ O Censo de 1920 identifica 592 estabelecimentos dos quais 98,5% (583) eram unidades menores do que 101 hectares. As que tinham menos de 41 ha detinham 4.128 ha (53,6%) das áreas agricultáveis. As de 41 a 100 ocupavam 599 hectares (7,78%), as médias unidades de 100 a 400 ha possuíam 1.556 ha (20,2%) e as grandes unidades de 401 a 1000 alcançavam 1.414 ha (18,3%) (SANTOS, 2018, p.57).

Mas eu não tinha nem pensado nisso. Foi aquele mundão de gente pela rua. Glória me dava a mão e tinha ordens para não me desgrudar um minuto. E eu segurava a mão de Luís.

— Quando é que a gente tem de mudar, Mamãe? Mamãe respondeu para Glória com uma certa tristeza.

— Dois dias depois do Natal temos que começar a arrumar os cacarecos (VASCONCELOS, 1975, p.17).

O encontro do protagonista com o pé de laranja lima é possível quando a sua família adquire uma nova residência. Talvez, possamos utilizar a compra da residência como símbolo da expansão do mercado imobiliário cada vez mais rumo ao oeste dos Sertões Cariocas em contraste com a decadência da citricultura. Na década de 1940, a concorrência internacional fazia o preço das laranjas brasileiras alcançarem preços inferiores no mercado internacional. A estratégia de represar a oferta para o aumento da demanda e do preço provocava prejuízos devido ao apodrecimento do fruto à espera da elevação do preço dessa commodity. Ainda assim, o relatório do Diretor Geral do Departamento Nacional de Obras de Saneamento, Dr. Hildebrando de Araújo Goes relata que “Campo Grande, Guaratiba e Nova Iguaçu contribuíram, em 1940, com a safra de 8.417.265 caixas, no valor de 42.623.739\$000” (OLIVEIRA, 1988, p.3). O salto de 2,7 milhões de caixas totais no Brasil em 1927 para 8,4 milhões de caixas em 1940, apenas 13 anos depois, mostra a massiva evolução do volume de produção da laranja em pouco mais de uma década. Explica-se não somente pela melhoria técnica da produção, mas também, e principalmente, pelo uso da maior quantidade de metros quadrados possíveis para a agricultura.

Entretanto, a história registrada como oficial e a história oral, compartilhada pelos moradores do bairro, estabelecem o período da Segunda Guerra Mundial e o imediato pós-guerra como a fase de decadência e fim da citricultura. O fim dos laranjais teria ocorrido por dois motivos: o primeiro teria sido a praga conhecida como “cancro cítrico”, segundo o técnico da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) Celso de Oliveira, ou a “mosca mediterrânea”, trazida pelos navios durante a Segunda Guerra. A impossibilidade de negociação com o mercado externo durante o conflito mundial teria tornado as condições ideais para o desenvolvimento incontrolável da praga. “A diminuição súbita e drástica da renda não permitia mais aos plantadores os finos cuidados que eles dedicavam aos laranjais e logo veio o mato e depois vieram as pragas, acometendo as laranjeiras (MENEZES, 2000, p.104). O tempo de frutificação de um pé de laranja é longo, de dois a três anos, e portanto os lavradores locais

ficaram desencorajados a retomar a produção. A oportunidade teria sido aberta para a produção de loteamentos suburbanos no lugar das propriedades rurais (SOARES, 1965; JORNAL O GLOBO, 23/10/1988; MENEZES, 2000). O combate a pragas teria sido outro fator desencadeante da falência da produção citricultora. Um surto de malária levou a utilização do pesticida DDT para combater o agente transmissor, o mosquito Anopheles. A pulverização do pesticida associada as obras de saneamento promovidas pelo Ministro Fernando Costa no governo Getúlio Vargas logrou êxito no controle da malária. Contudo, o agente químico desequilibrou o sistema ecológico com o extermínio de insetos úteis, como a joaninha.

Desse modo, por uma modificação intensa do meio ambiente, uma agressão a todo um ecossistema, despençou a qualidade das plantações, o crescimento saudável e a maturação das frutas e finalmente a própria sobrevivência das laranjeiras, tomadas por parasitas, bactérias, fungos e o mato ao redor, porque havia falta de recursos entre os sitiantes até para a capina; a sapetuba e a tiririca dominaram a terra (MENEZES, 2000, p.105).

A oportunidade teria sido aberta para a produção de loteamentos suburbanos no lugar das propriedades rurais (JORNAL O GLOBO, 23/10/1988). Relatos de produtores da época ou seus herdeiros, como Valentim Ferreira Guimarães – herdeiro de J. Guimarães – um dos mais importantes exportadores brasileiros de laranja, afirmam que o maior obstáculo a continuidade dos laranjais não teria sido

a mosca mediterrânea, a fumagina, ou a formiga, e sim os loteamentos que começavam a surgir em Campo Grande, com os moradores destruindo os laranjais e assim não permitindo a coexistência entre loteamentos e laranjais (OLIVEIRA, 1988, Caderno Zona Oeste, p.3).

O interesse de lotear e converter as terras rurais para o uso urbano é verificado no depoimento de Wallace Monteiro Postiga, sobre o fim do arrendamento de parcelas da fazenda da família do Senador Augusto Vasconcelos ao seu avô Anníbal Ayô Monteiro, que desenvolvia atividades da citricultura na propriedade. “No caso, o período da citricultura naquele local acabou quando os proprietários família do Senador Augusto de Vasconcelos, resolveram abrir loteamento por volta da década de 40. Uma parte das terras era arrendada pelo meu bisavô (POSTIGA, 2020)”. Uma outra evidência é obtida pela análise do mote da venda dos terrenos no Sertão Carioca nos anos 1940 ao revelar que as loteadoras prometiam valorização certa dos terrenos oferecidos, tornando-os um ativo financeiro com alta expectativa de lucratividade (SANTOS, 2008). O valor dos produtos imobiliários não segue a lógica do mercado dos outros

produtos frutos do trabalho humano. Esses últimos têm o seu preço estabelecido a partir dos seus custos de produção somado a margem de lucro que pode gerar para o capital investido. O preço do produto imobiliário é calculado de acordo com o montante que a demanda se dispõe a pagar (SINGER, 1979).

Como a percepção de um evento depende da posição relativa do observador ao evento observado, podemos dizer que a verdade sobre a decadência da citricultura depende da posição que o leitor escolhe estar diante das falas e evidências. Dessa maneira, partimos do pressuposto que o interesse dos proprietários fundiários recai sobre o valor de troca da terra em detrimento do seu valor de uso, e a esses interessa a maior extração de renda fundiária possível através do uso do solo que seja melhor remunerador. A terra e, especialmente, a terra urbana torna-se mais valorosa a ser convertida para o uso comercial ou residencial (CORRÊA, 1989). Assim, podemos inferir que havia uma gama de agentes desejosos pela conversão da terra rural em urbana e a sua posterior. A partir desse momento, a paisagem composta por laranjais seria irremediavelmente transformada devido a conversão desses em objetos residenciais e comerciais.

A compreensão das duas lógicas, da acumulação no campo e no urbano, nos auxiliam no entendimento da conversão do uso rural para o urbano das terras de Campo Grande. Os laranjais, como produtos do trabalho humano, encontravam-se com seu principal produto, a laranja, com preço corrente abaixo dos custos de produção ou fornecendo uma margem de lucro abaixo do desejado para que a atividade fosse rentável para os proprietários fundiários. Isso explica a recusa da venda do fruto, mantendo-o no pé para reduzir a oferta e aumentar artificialmente a demanda, com a esperança de elevar o preço do produto agrícola. Porém, todo o contexto exposto mostra como tal escolha foi equivocada. A decisão marca o fim de um período do bairro com os quais antigos moradores, expressos aqui pela classe política local, manteriam fortes relações de pertencimento.

Uma legião imensa de trabalhadores rurais desenvolvia nas plantações uma atividade qualificada porque eram camponeses de muita experiência e tradição, pelo seu trabalho de gerações no campo, na Zona Rural. Nas planícies e nas pequenas elevações o verde ondulava ao vento e ao sol e fulgiam cores variadas conforme as estações e as fases da cultura, mudas em crescimento, laranjais novos, tempos de floração, laranjeiras carregadas de frutas verdes ou no esplendor da maturação dourada. [...] As crianças visitavam os barracões e pediam para seu brinquedo os pregos prateados e reluzentes da confecção de caixas e, para fazer pipas e balões, as finas folhas de papel de seda com que eram embaladas as laranjas para exportação. Era uma festa com muita alegria. Aí veio a guerra, em 1939, e pela impossibilidade

das exportações, em alguns anos, só restaram decadência e fracasso nessa estrutura agrária. O verde se apagou, desapareceram os floridos laranjais e as laranjas douradas de sol não enfeitavam mais as plantações sem fim. Os barracões ficaram abandonados em progressiva ruína, à beira dos caminhos ou no meio do mato (MENEZES, 2000, p.101)

O insucesso da estratégia de “deixar a laranja estragar no pé” somada a crescente urbanização do Brasil, especialmente das suas cidades mais industrializadas, abriu possibilidades para produção do espaço urbano pela incorporação de áreas de uso agrícola. Como explicado, essas áreas desejadas pelo capital urbano tem seu valor menos baseado na sua capacidade produtiva e mais nas futuras mudanças da estrutura urbana que condicionam a valorização do solo da área e levam os proprietários, com intuito especulativo, a esperar até por longos períodos pelo momento correto da venda, caso seja necessário (SINGER, 1979). A provisão de maior rentabilidade com uso urbano nos leva a compreensão que o fim dos laranjais e a conseqüente urbanização do bairro foram atos de uma ação dos agentes locais da produção do espaço, que alinharam as suas estratégias de acumulação de capital ao contexto brasileiro naquele recorte temporal.

Sobre a transição do rural para o urbano, o Professor Moacyr Bastos tergiversa na resposta quando indagado sobre tal processo “Essa transição se deu pela força da economia de Campo Grande, Campo Grande vivia em torno da laranja que era produto de exportação. Campo Grande tinha a maior produção da América do Sul, isso fez muita gente com recursos aqui se instalar (...) (VAZ, 2019, p.37)”. Mesmo com a resposta evasiva, uma das possíveis compreensões das suas frases indica que fatores econômicos interessantes a certos grupos tiveram papel primordial na transformação do rural em urbano. Dentre as frases proferidas podemos isolar as palavras “força da economia de Campo Grande”, “exportação” e “gente com recursos” e associá-las às palavras de Menezes sobre a divisão do trabalho e a divisão socioespacial resultante da citricultura. Podemos inferir que esse importante ator do tecido socioespacial campograndense reforça a existência de indivíduos “muito e muitíssimo capitalizados” cujos interesses se impuseram na transformação do rural para o urbano em Campo Grande.

Contudo, entre a elite local, o sentimento não era de derrota. Pelo contrário, como pode ser lido nas palavras de Menezes (2000, p.94):

“Quanto às esperanças, foi extraordinário ver que o fracasso total da citricultura de exportação naquela época não conduziu a nenhum fracasso final. Os habitantes lutaram, prosseguiram sua vida laboriosa em defesa de suas famílias e logo surgiram novos fatores na economia e na sociedade, mudanças rápidas e surpreendentes no cenário nacional, e uma prosperidade inusitada começou a crescer justamente a partir das antigas terras devastadas, que não eram mais o solo generoso e rico da agricultura mas um campo acolhedor onde multidões sem teto na cidade do Rio de Janeiro, trazidas pela Estrada de Ferro Central do Brasil, iriam realizar o sonho da casa própria. O enorme afluxo de populações para as terras decadentes, vazias e baratas trazia para a região o principal fator de riqueza: o povo que mora, trabalha, produz, consome e procura sempre uma vida melhor.”

III – Considerações Finais

Até os dias atuais, a paisagem urbana do bairro carrega símbolos da fase citricultura do bairro. Monumentos erguidos pelo Programa Rio Cidade, nome de vias ligadas a citricultores e a memória dos antigos moradores do bairro evocam a laranja como o elemento mais memorável da história e da geografia de Campo Grande, até mais do que a avicultura que teve existência paralela perdurando até os anos 1970, pelo menos. Contudo, esses elementos são cada vez menos visíveis na paisagem devido à continuidade e consolidação das atividades urbanas, especialmente ligadas ao setor comercial, haja vista o bairro é um dos subcentros da metrópole carioca, e a expansão do mercado imobiliário, que tornou o bairro de Campo Grande um dos maiores lócus de produção imobiliária da cidade do Rio de Janeiro no começo do século XXI.

Referências

Anúncio de venda de sítios. Jornal do Brasil, 05 mai. 1935, Classificados, p.36

Anúncio de venda de terras. 09 mai.1935, Classificados, p.25

Campo Grande - Capital do Sertão. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, RJ, 12 de abril de 1970. Edição 23540. Grande Reportagem.

CORREA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática. S.A, 1989.

COSTA, Bernardo. A memória viva dos laranjais: ex-agricultor recorda os tempos áureos da produção da fruta em Campo Grande. *Jornal O Globo*, Caderno Zona Oeste, 17 de novembro de 2012.

Fernandes, Nelson da Nobrega. Onde a cidade perde seu nome. In: Milton Santos et al. (Org.). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, v. 1, p. 197- 208.

LAMES, Cayo. Em 1896 chegava nessas terras Daniel Lames, meu bisavô. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=361283014682673&set=a.122656968545280>. Acesso em: 27 dez. 2018.

Marco de 1896 sobrevive à especulação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1988. *Cadernos Zona Oeste*.

MENEZES, Dilson de Alvarenga. *Desastre Ecológico na Baía de Sepetiba*. Rio de Janeiro: Dilson de Alvarenga Menezes, 2000.

MOTA, Maria Sarita Mota & PEIXOTO, Fabio Costa. O continuum rural-urbano na formação da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. *X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. São Paulo: Setembro de 2006.

OLIVEIRA, José Arthur. Os ciclos econômicos de Campo Grande. *Jornal O Globo*, 24/08/1988, Caderno Zona Oeste, p.3

POSTIGA, Wallace Monteiro. Entrevista concedida a Paulo Henrique Araujo Barata. Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS, Leonardo Soares dos. Um sertão entre muitas certezas: a luta pela terra na zona rural da cidade do Rio de Janeiro: 1945-1964. Rio de Janeiro: Agbook, 2018.

SINGER, Paul. *A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial*. Org. Ermínia Maricato. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1979.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Fisionomia e Estrutura do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XXVII, n° 3, Julho-Setembro de 1965.

VASCONCELOS, José Mauro de. *O Meu Pé de Laranja Lima*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

VAZ, Luiz Augusto da Rocha. *Zona Oeste do Rio. Ocasos e alvoreceres. Um estudo sobre Cultura, Memória e Cidade*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em memória e acervos) –

Programa de pós-graduação em memória e acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019. 194 f.